

CONFECOM é abordada no LECOTEC

Palestrantes analisam a importância da conferência que está mobilizando todo o país



Créditos: Raphael Nascimento

Da esq. para dir: João Brant, Juliano de Carvalho e César Bôlano

A MESA "Conferência Nacional de Comunicação – Perspectivas e Desafios" analisou a comunicação nacional em seus principais aspectos. João Brant (Instituto Intervezes), César Bolaño (Universidade de Sergipe) e Juliano de Carvalho (professor de comunicação social da Unesp) foram os convidados da discussão, que mesclou poder público, empresariado da comunicação e teorias comunicacionais.

O debate não girou em torno apenas da importância da CONFECOM (Conferência Nacional de Comunicação) para os comunicadores e pesquisadores, mas também para

a população brasileira, receptora diária dos conteúdos veiculados pela mídia.

A CONFECOM foi anunciada no Fórum Social Mundial, que aconteceu em Janeiro desse ano, em Belém, e foi convocada em Abril. É a primeira conferência que traz a comunicação como temática, e, assim, tem sido pauta nos 27 estados brasileiros.

A preparação para a conferência tem acontecido em escala regional e estadual. Para que haja um consenso, os estados têm organizado reuniões regionais em que a temática da comunicação é discutida, bem como são organizadas as pautas a serem levadas para a Conferência Nacional, que acontecerá dos dias 14 a 17 de dezembro, no Distrito Federal.

Juliano de Carvalho afirmou que "a CONFECOM é uma vitória. Vamos adiante com aquilo que nós temos consenso. Temos que descobrir como cada um pode participar". Já o Prof. Bolaño disse estar pessimista em relação à CONFECOM, apesar de concordar com a necessidade de que ela seja feita.

Os debatedores também analisaram aspectos históricos e socioeconômicos referentes à comunicação no Brasil e disseram que, apesar de cientes quanto às dificuldades que a diversidade de opiniões e a necessidade de infra-estrutura nos meios comunicacionais implicam, podemos esperar bons resultados da Conferência Nacional da Comunicação.

Daniela Penha

PALESTRA

Tecnologia Digital e a formação dos professores
p. 6

ENTREVISTA

João Brant, do Intervezes, conversou com a Jornal Júnior
p. 2 e 3

PALESTRA

Novos Modelos de Educação na Era Digital
p.5

Entrevista co

Fugindo dos conven

Daniela Penha

Créditos: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/wp-content/uploads/2009/09/dsc_1454.JPG



Legenda Legenda Legenda Legenda Legenda Legenda Legenda

JOÃO BRANT foi um dos convidados da mesa “Conferência Nacional de Comunicação – Perspectivas e Desafios” que aconteceu na segunda noite de programação do LECOTEC. Contextualizando os movimentos de discussão dos aspectos socioeconômicos nacionais, Brant explicou, em seu discurso, os principais aspectos a serem avaliados pela CONFECOM. Em entrevista, ele falou sobre a importância de eventos como o LECOTEC, as principais dificuldades em que a abrangência da Conferência Nacional implica e a interdisciplinaridade presente na comunicação contemporânea.

Jornal Júnior: Qual é a importância de eventos como o LECOTEC, em que poderemos discutir a temática da

comunicação, principalmente agora que estamos antecedendo o CONFECOM?

João Brant: A importância é inestimável. Precisamos manter vivo o debate o tempo inteiro. São questões que, mesmo para quem está muito envolvido com a temática da comunicação, é importante que esteja refletindo o tempo inteiro. Eu, por exemplo, estou bastante envolvido na CONFECOM: vir pra cá é uma oportunidade de parar e olhar para as questões, tanto de curto quanto de médio prazo, com um olhar mais arejado. Estamos num caminho interessante que vai nos levar às transformações que a gente está buscando, então, fazer um debate que inclusive aproxime a academia dos movimentos sociais da sociedade civil, é bastante importante pra gente não isolar nenhum dos dois.

Realização



Apoio



Com João Brant

cionalismos da área

JJ: A comunicação tem sido tema de análises pelo país todo. Teremos uma pluralidade de sugestões e reformas a serem implantadas. Como vai se dar o processo de conciliação entre as diversas pautas que vão surgir pelos 27 estados brasileiros?

João: Eu acho que dentro do campo da sociedade civil não empresarial há um grau de acordo suficiente pra gente trabalhar uma plataforma única. Nós temos que fazer um esforço de - até dia 14 de dezembro - termos uma plataforma que a gente apresente como única: resultado de um esforço de convergência e de síntese. Não adianta chegarmos lá com uma plataforma única de duas mil propostas. Precisamos clarear quais são as nossas propostas centrais, definir quais são as que nós vamos disputar com mais afinco, que a gente vai querer trazer os empresários e tentar convencer o governo. Eu acho que nisso há diferenças e a gente não avançou o suficiente nesse debate.

JJ: Estamos em um progresso muito grande quando o assunto é complexidade. Baseando-nos um pouco nas idéias de Morin, como se dá o processo de Interdisciplinaridade e interatividade tão constantes no cenário da comunicação, principalmente na reunião multidisciplinar que está sendo a CONFECOM?

João: Estamos vivendo um desafio em que a internet talvez seja a metonímia: é a parte que representa esse todo, que é um espaço onde a gente vê: um debate forte sobre tecnologia e, em um ponto de vista mais duro, infra-estrutura; uma discussão que pode pegar no ponto de vista psicológico: como as redes sociais determinam, modificam ou condicionam relações entre pessoas; um repensar da educação: como os meios de comunicação estão ajudando a formar perspectivas ou contribuindo com determinados lados. O nosso desafio é não fazer nenhum desses debates em separado. É muito tentador, mas os meios de comunicação são, hoje, um espaço de tudo isso. Então, eu pego essa pergunta, com a abertura que ela tem, e devolvo com a mesma abertura: vamos buscar esses pontos de contato, convergência e interatividade o tempo inteiro, para que a gente não simplifique uma complexidade que merece ser entendida assim.

JOÃO BRANT é formado em rádio e TV pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado em Regulação e Políticas de Comunicação pela LSE - London School of Economics and Political Science. É membro do Intervezes - Coletivo Brasil de Comunicação Social e autor, junto com outros quatro pesquisadores, do livro "Comunicação Digital e a construção dos commons".

Patrocínio

 FAPESP

 PRCEX

 summus
editorial

 Fundunesp

 Jornal da Cidade
Bauru e grande região

 EDITORA
VOZES

 ANNA BLUME

A velha arte em novas telas

Mídias e plataformas modernas buscam inovações no passado

Ana Claudia Tripoloni

A MESA "A arte como uma das fontes criadoras das mídias e áudio-visual: cinema, televisão e web", ministrada pelas professoras Maria Luiza Calim de Carvalho Costa, Eliane Patrícia Grandni Serrano, Guiomar Josefina Biondo e com a mediação de Nelyse Aparecida Melro Salzedas, girou em torno das artes - especialmente a pintura - como plano de fundo das produções midiáticas contemporâneas.


A professora Guiomar Biondo iniciou a apresentação fazendo uma rápida retomada da história das artes plásticas, desde a época das cavernas até os dias de hoje, passando pelo século XVII e o Renascimento, quando a realidade começou a ser questionada e a pintura criou uma nova realidade, cheia de ambigüidades. Nessa época surgiram os novos modos de representação, como a metalinguagem e a exploração do sonho. Guiomar encerrou questionando: "como as coisas são vistas e representadas hoje?"

Partindo desse questionamento, a professora Nelyse Salzedas direcionou o debate para as mídias atuais. Em uma exposição rápida, ela mostrou que pinturas famosas estão presentes nos cenários e composições de filmes, muitas vezes em remontagens idênticas. Questionando se essa volta constante à pintura seria uma escassez de novas invenções, Nelyse disse que a mídia ainda não possui uma linguagem própria, por isso se volta a produções antigas, sobretudo a pintura.

O fato da mídia se utilizar cada vez mais da pintura foi comprovado pela professora Eliane Patrícia Serrano, da Unesp de Presidente Prudente. Ela apresentou as vinhetas de abertura de duas novelas da Rede Globo: *Laços de Família* (2001) e *Caras e Bocas* (2009). Em ambas as vinhetas a pintura é parte essencial da construção. Na primeira, as imagens vão se formando através de fragmentos; já a segunda é construída com tinta jorrada, que formam rostos em movimento. A professora afirmou ainda que as vinhetas são uma parte importante para chamar o espectador, pois causam uma identificação do público com a obra.

Maria Luiza Costa fechou a exposição apresentando os elementos artísticos presentes da abertura da microssérie *Capitu*, exibida pela Rede Globo. Ela mostrou o processo de construção da vinheta, um produto midiático baseado em processos artísticos, como a bricolage: uma técnica que consiste em sobreposições de imagens, formando uma nova figura. Na microssérie, o efeito utilizado pela mídia faz uma ponte entre literatura e televisão, trazendo para o público uma obra

que pode ser compreendida por todos os tipos de espectadores.



JornalJr

Diretor de Projetos
Douglas Calixto

Diretor de Recursos Humanos
Cristiano Pavini

Diretor Financeiro
Murilo Tomaz

Diretor Presidente
Diogo Zambello

Assessoria de Comunicação
Renato Oliveira

diretora de marketing
Marina Mazzini

Suplente Marketing
Davi Rocha

Suplente Assessoria de Comunicação
Ariani Barbalho

Suplente Recursos Humanos
Danielle Mota

Edição
Ariani Barbalho, Cristiano Pavini, Diogo Zambello e Marina Mazinni

Diagramação e Projeto Gráfico
Giovana Penatti

Coordenação Gráfica
Ana Paula Campos

Textos
Amanda Pioli, Ana Claudia Tripoloni, Daniela Penha, Fernanda Lourencini

Fotografia
Raphael Rodrigues

Novos modelos de Educação em pauta

Acadêmicos analisam o Ensino na Era Digital

Fernanda Lourencini

A mesa “Novos modelos de educação – implicações e perspectivas da Era Digital”, encerrou o Lecotec 2009. Os palestrantes Nelson Pretto (FACED/UFBA), Wilken Sanches (ONG Coletivo Digital) e César Minto (USP), sob mediação da professora Ana Sílvia Melo, discutiram a necessidade de formulação de novos modelos de educação, em meio à realidade digital em que vivemos.

Wilken Sanches apresentou o trabalho do qual participa, o Coletivo Digital. Trata-se de uma ONG com uma nova proposta de inclusão digital. Wilken discorreu sobre as bases do projeto, que incluem a utilização de um software livre, com o intuito de educar o cidadão e não “adestrá-lo” em relação à informática e participação popular. Wilken discutiu também a necessidade de uma democratização das ferramentas de produção de conteúdo, pois são elementos centrais nos processos educativos.

Contraopondo a exposição de Wilken, César Minto criticou a mercantilização da educação e o uso indiscriminado do Ensino à Distância. Segundo ele, esse tipo de ensino foi criado para suprir a necessidade de lucro das universidades particulares e é falho em vários sentidos. A crítica, no entanto, não foi feita ao Ensino à Distância em si, mas ao seu uso, que deve complementar o curso presencial e não atuar na formação inicial de um profissional.

Já Nelson Pretto, analisou as novas tecnologias como uma forma de reformular o ensino nas escolas. Ele enfatizou a cultura do compartilhamento, tendo como ponto fundamental a colaboração, e por meio dela um novo modelo de educação precisa ser criado. Dessa forma, o computador deve ser utilizado como um espaço social e não como um mero auxiliar do processo de aprendizado.

Por fim, Nelson complementou a fala de Wilken, ao falar da necessidade do aluno se comportar como autor no processo de ensino e não apenas como ator. Criticando os processos educacionais centrados na idéia de singularidade e de homogeneidade, Nelson afirmou que “eles não possibilitam a pluralidade de educações necessárias para o estímulo da criação”.



Nelson Pretto defendeu a cultura do compartilhamento

Tecnologias digitais e a formação de professores

Mesa discute prática e formação docente com auxílio de novas ferramentas

Amanda Pioli



Créditos: Raphael Nascimento

Eloi e Rosemara, coordenadores do grupo Fisicanimada

A MESA “Desafios para a formação e a prática docente com tecnologias digitais de informação e comunicação” contou com a presença dos professores da Unesp de São José do Rio Preto Eloi da Silva Feitosa e Rosemara Perpétua Lopes.

O principal objetivo da mesa foi discutir o papel do professor diante das novas tecnologias e debater como as TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) podem auxiliar o pedagogo na hora de ensinar, abordando o que a escola tem feito para conciliar o ensino e as novas tecnologias.

Eloi e Rosemara coordenam o grupo “Fisicanimada”, em que as novas tecnologias são incluídas no mundo escolar por meio de táticas de ensino que dinamizam a explicação e pedem mais participação do aluno, desde o ensino infantil até o ensino médio.

O grupo monta programas de matemática,

física e ciência naturais, de acordo com a necessidade de cada colégio. Atualmente, a disciplina de Inglês também tem sido desenvolvida, trazendo materiais sonoros e participativos que desenvolvem a aprendizagem do aluno.

Contudo, as professoras afirmam que o programa apresenta dificuldades de aceitação. “Muitos professores acreditam que perderão espaço para essas novas mídias, e rejeitam o programa mesmo antes de conhecer, prejudicando assim seu desenvolvimento.”, afirmou Rosemara.

Rosemara também ressaltou que outro grande desafio enfrentado no desenvolvimento do projeto “é a condição dos materiais utilizados para realizar propostas de uso de tecnologias nas escolas públicas”.

Para mais informação sobre o “Fisicanimada” e o uso das novas tecnologias no programa de ensino acesse o site www.fisicanimada.net.br.